

**Intervenção do Ministro da Educação na Conferência
Mundial da UNESCO sobre Cultura e Educação Artística,
em Abu Dhabi, Emirados Árabes Unidos
14 de fevereiro de 2024**

Caras senhoras,

Caros senhores,

Custa-me entender por que motivo continuamos a ter eventos e debates a justificar a presença da arte e da Cultura nos sistemas educativos. Não o fazemos para a matemática, para a geografia ou para a física, mas há quem continue a sentir a necessidade de justificar o ensino da arte e a promoção da sensibilidade estética e artística.

Sou linguista e sei que não há muito que nos faça unicamente humanos. Mas a linguagem e a arte caracterizam-nos como espécie. Quando acreditamos que a educação promove o desenvolvimento humano, deixar a arte de fora é ignorar uma das principais dimensões da nossa humanidade e, conseqüentemente, do nosso humanismo.

Os sistemas autoritários e os ditadores têm sempre medo da palavra e da arte. Cancelam, perseguem, proíbem, censuram, em primeiro lugar os que usam a palavra e a arte. Têm medo do poder

da palavra e perseguem jornalistas e escritores. Têm medo da força da arte e do seu potencial para nos acordar e fazer pensar. Só por isto, porque a arte está intimamente ligada com a liberdade, não precisamos de justificar mais a sua presença na educação.

Mas, se o quisermos mesmo fazer, basta pensar que, hoje, todos discutimos a necessidade de desenvolver competências sociais e emocionais. Essa é uma das conclusões da Cimeira da Transformação da Educação, convocada pelas Nações Unidas.

A arte tem esse papel nas nossas vidas. Começamos eventos com momentos musicais, exploramos as nossas sensações e emoções perante um filme, no teatro ou na ópera, que nos fazem rir e chorar, que nos param no tempo quando nos sentamos a admirar um quadro. Sem arte, não educamos com emoção nem desenvolvemos esta capacidade unicamente humana de nos deslumbrarmos.

Esta conferência aprovará o Quadro para o Desenvolvimento da Educação Cultural e Artística e eu gostaria de afirmar o sentido de urgência e emergência da promoção da sensibilidade estética e artística na educação.

É urgente porque potencia a capacidade crítica e analítica, porque estimula a criatividade, porque fomenta a disponibilidade para olhar e admirar. Por vezes, esquecemo-nos de que os maiores avanços e descobertas da ciência têm por trás um ser humano que foi capaz de olhar para algo que não entendia e ficar maravilhado com a necessidade de criar uma resposta. Não se limitou a reproduzir o que já tinha sido dito sobre o assunto. Criou. Pensou em alternativas e isso é-nos dado quando desenvolvemos sensibilidade artística. Não nos limitamos a sentir-nos predestinados, pensamos no que pode ser diferente e novo.

O sentimento de emergência e urgência a que me refiro decorre dos estranhos tempos em que vivemos de crescimento de populismos, de novos radicalismos e discursos de ódio, de vertigem pelo

imediatos. O que tem a educação artística a ver com isto? Os populistas dão respostas simples a problemas complexos. Elegem inimigos, porque é mais fácil, menos complexo, não se abrir ao conhecimento da diversidade.

A leitura completa de um romance, a exploração de um poema, a admiração de uma peça de teatro, de um filme ou de uma dança são momentos em que o tempo para, porque não é possível fazer nada disto sem parar. O tempo da complexidade da experiência artística não é o tempo dos 140 caracteres do Twitter ou da mensagem instantânea de qualquer rede social onde crescem a desinformação e o ódio.

A preservação da democracia e o combate ao populismo precisam deste tempo que a arte e a cultura envolvem. Porque a exploração da complexidade, o diálogo empático que define a democracia e a desconstrução das respostas simplistas obriga a ter tempo para pensar e o hábito de refletir.

A arte é instrumento da democracia e da inclusão, porque nos obriga a perceber o lugar do outro, porque são muitos os alunos que têm a sua primeira experiência de sucesso através da educação artística e percebem que a escola é também para si.

Esta conferência tem de ser também um apelo à coerência. Não basta vir aqui afirmar o valor da arte e da cultura na educação, quando ao mesmo tempo em tantos países e territórios aqui presentes, se bombardeiam escolas, creches, museus e bibliotecas.

Trazemos aqui a partilha da experiência do Plano Nacional das Artes, do Plano Nacional de Leitura, do Plano Nacional de Cinema, na produção de recursos, na formação de professores, na promoção de residências artísticas, na exploração das parcerias locais com os municípios e as instituições de cultura das comunidades, mas também do sucesso de muitos anos do ensino articulado e especializado da música, da dança e do teatro nas nossas escolas.

Inscrevemos a Sensibilidade Estética e Artística como uma das dez áreas de competência do nosso currículo nacional, no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, para que não seja algo que se faz quando sobra tempo das “coisas sérias”, mas porque a necessidade de fazer o tempo parar para nos deslumbrarmos é mesmo uma urgência séria.

Obrigado.